



## De onde vimos? Onde estamos? Para onde vamos? (III)

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

Quando dividi este artigo em três capítulos, era meu objectivo provocar uma reflexão, mesmo curta que fosse, sobre o que foi, o que é e o que pensamos venha a ser a nossa profissão.

Bem sei que muitos aspectos também se modificaram noutras profissões e na nossa sociedade, nem todos com o sinal positivo, é um facto. Mas é indesmentível que hoje são diferentes fruto dessa transformação.

Bem sei que o caminho que sempre idealizei para os profissionais, esteve longe de ser o mais fácil, mas estou convencido que é o mais sólido e eficaz para uma profissão que carece de uma nova imagem e de se afirmar no importante papel que desempenha na sociedade.

Bem sei que era muito mais fácil ameaçar com greves a pretexto disto ou daquilo e calar alguns procedimentos e acções praticadas por alguns profissionais.

Bem sei que lutar contra uma mentalidade instalada, não só na sociedade, mas também em muitas mentes de profissionais que o seu papel é meramente o de receber, registar e arquivar papéis, não é um combate isento de obstáculos.

Mas é curioso que volvidos 12 anos, se lembre o período em que se construíram e realizaram muitos e grandes sonhos, se sentiu o travo amargo da desilusão, em que muitas vezes se foi vítima da incompreensão ou falta de visão profissional de outros, em que se sofreu na pele as consequências de se ter coluna vertebral e de respeitar os princípios básicos de Justiça.

Escrevo estas linhas às duas da manhã, quando o mais natural seria estar a dar descanso ao cansaço de um dia longo de trabalho, sentado à minha secretária no sexto andar da Avenida Barbosa du Bocage, a viver o meu sonho e a contribuir para que ele seja uma realidade.

Sim, continuo a sonhar com profissionais competentes e capazes de exercer a actividade com elevados padrões de qualidade.

Sim, continuo a sonhar, tentando encontrar as melhores soluções para os problemas que no quotidiano afligem os TOC.

Sim, continuo a sonhar porque acredito que somos capazes de realizar esse grande sonho que é o de construirmos uma profissão com mais qualidade e com mais dignidade.

Sim, continuo a sonhar, fiel ao aforismo «o sonho comanda a vida». Não o sonho pelo sonho, porque esse é estéril, passivo e improdutivo, mas o sonho que nos catapulta para coisas novas, que nos transporta e cria novas realidades, que nos conduz ao inconformismo e que nos cria sinergias para fazermos mais e melhor.

Mas este sonho não é feito de facilidades. Pauta-se pelo rigor, a exigência e o trabalho árduo e empenhado. Mas, certamente, compensará quem corre o risco de o tornar realidade.

Doze anos depois, continuo a sonhar. No dia em que não for capaz de o fazer ou não encontrar motivos que incentivem à criação do sonho, então é sinal que me acomodei, que deixei de acreditar na causa e que atingi o fim da estrada. Em todo o percurso que fizemos juntos nunca procurei a unanimidade, porque acredito que ela não é possível num mundo em mudança acelerada. Quis e quero construir um sonho com a maioria dos profissionais, pois sei que, não obstante os séculos que passaram, ainda restam “velhos do Restelo”.

Sei que alguns ficarão pelo caminho, porque não acreditam no sonho ou, simplesmente, porque perfilham um sonho distinto. Apesar das contrariedades, insisto que deve ser este o caminho a percorrer. Este é o caminho que sonho para a nossa profissão e, sendo ela a única que tenho, só posso querer o melhor. Trilhando um rumo de exigência, rigor e honorabilidade, pois acredito que esses são pilares sagrados que o tempo dificilmente destruirá. ■